
ARTHUR RAMOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA DO SÉCULO XX

Flávia Francchini¹
Tatiane Cosentino Rodrigues²

Resumo: O artigo tem como propósito apresentar um estudo analítico da trajetória intelectual de Arthur Ramos, destacando sua contribuição aos principais movimentos (Eugênico/Higienista e Escolanovista) desenvolvidos na década de 1930 no contexto educacional brasileiro com a finalidade de “preparar” a população para a modernização da sociedade brasileira. Ao focar em sua trajetória tem-se também contato com o processo de consolidação da psicanálise no Brasil e seus usos na educação. A análise da trajetória e produção de Arthur Ramos ampliam de forma significativa a compreensão sobre a história da educação brasileira a despeito de seu reconhecimento nos estudos da psicologia. Suas produções ampliam, principalmente, as compreensões a respeito do desenvolvimento de interpretações alternativas ao que se denominou como racismo biológico, que no Brasil se desenvolveu a partir da analítica de crianças identificadas como crianças problema.

Palavras-chave: Arthur Ramos; História da educação; Movimento Escolanovista; Período Eugênico/Higienista.

ARTHUR RAMOS AND ITS CONTRIBUTIONS TO BRAZILIAN EDUCATION OF THE XX CENTURY

Abstract: The article aims to present an analytical study of Arthur Ramos' intellectual trajectory, highlighting his contribution to the main movements (Eugenic / Hygienist and Escolanovista) developed in the 1930s in the Brazilian educational context with the purpose of "preparing" the population for modernization of Brazilian society. By focusing on his trajectory, one also has contact with the process of consolidating psychoanalysis in Brazil and its uses in education. The analysis of Arthur Ramos' trajectory and production significantly broadens the understanding of the history of Brazilian education despite its recognition in the studies of psychology. His productions mainly broaden understandings about the development of alternative interpretations to what has been called biological racism, which in Brazil developed from the analysis of children identified as problem children.

Keywords: Arthur Ramos; History of education; Escolanovista Movement; Eugenic/Hygienist Period.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), foi bolsista CAPES. E-mail: flavia.francchini@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8305-8851>.

² Doutora em Educação pela UFSCar. Professora Adjunta IV do Departamento de Teorias e Práticas Pedagógicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. E-mail: tatiane.cosentino@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4402-2805>.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos e tem como propósito apresentar um estudo analítico da trajetória intelectual de Arthur Ramos, destacando suas contribuições/diálogos com os principais movimentos desenvolvidos na década de 1930 no contexto educacional brasileiro.

O final do século XIX e início do século XX foram marcados por importantes impactos de transformações econômicas, políticas e sociais, inúmeros conflitos, disputas ideológicas e lutas por direitos no mundo todo. No Brasil, especificamente, os processos que culminaram com a abolição da escravatura (1888) ocorrem de forma concomitante à crescente preocupação com o destino da sociedade brasileira, com a construção de uma ideia de nação e identidade nacional a ser desenvolvida em um país composto majoritariamente por uma população negra. Tal fato, confere centralidade às discussões e teorias raciais que passam a “justificar/explicar” as diferenças sociais e raciais, identificadas como uma das principais causas do “atraso” no desenvolvimento futuro do Brasil.

Com o processo de industrialização e crescente urbanização o perfil essencialmente agrário que dominava o Brasil, até a década de 1920, começa a se modificar, pois a classe trabalhadora passa a ocupar as grandes cidades. Nesse período termina também a massiva imigração de europeus, justificada por intelectuais e políticos que acreditavam também que processos sucessivos de miscigenação poderiam resultar em um crescente branqueamento da população brasileira.

Nesse cenário, intelectuais brasileiros como o sociólogo Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr constroem a tríade dos estudos coloniais a partir de uma perspectiva culturalista, na tentativa de compreender a identidade nacional brasileira.

As transformações não se limitaram às pesquisas teóricas, a elite intelectual se dedicou na tentativa de transformar a sociedade brasileira para a modernização e retirada do país da “categoria de atrasado”. Nesse momento passa-se a gestar um projeto político de modernização que elege a educação como elemento central de transformação e adequação do país, “motivando reformas educacionais fundamentadas em princípios oriundos da Europa e dos Estados Unidos” (SIRCILLI, 2008, p. 25), profissionais da área da saúde, por exemplo, passam a ocupar espaços de direção e definição da política educacional.

O médico psiquiatra Arthur Ramos esteve diretamente relacionado a essas mudanças educacionais, não apenas participando do comitê de pesquisadores que buscavam uma nova orientação política para o país, como também foi um dos únicos a colocar seus estudos em prática.

Para Ramos (1939, p.17), “era um século de consequência lógica de um período conturbado de angústias e incertezas. O homem é o produto de uma “civilização doente””, pois para Ramos:

A máquina aniquilou-o. A máquina está formulando seres de movimentos automáticos e estereotipados, como Chaplin nos mostrou no seu filme “os tempos modernos”. E a personalidade humana está encontrando uma enorme dificuldade de se adaptar à civilização que ele mesmo próprio criou. Há um desajustamento tremendo do homem à técnica. Os bens materiais da civilização contemporânea carregam no seu bojo um mal estar insuportável, muitas vezes (RAMOS, 1939, p. 18).

A convite de Anísio Teixeira (responsável pela Instrução Pública do Distrito Federal e um dos líderes do movimento educacional chamado Escola Nova), Arthur Ramos assumiu o cargo de direção da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM) do Departamento de Educação do Rio de Janeiro, colocando em prática um projeto educacional que “privilegiava o estudo de crianças escolarizadas com o objetivo de classificá-las segundo seu potencial intelectual e aptidão, viabilizando tratar aquelas que apresentassem problemas de aprendizagem” (SIRCILLI, 2005, p. 185).

Arthur Ramos de Araújo Pereira nasceu na cidade de Pilar (Alagoas) em 7, de julho, de 1903, filho do médico Manuel Ramos de Araújo Pereira (clenicava gratuitamente para amigos e mais pobres) e Ana Ramos.

Faleceu aos quarenta e seis anos em Paris, no dia 20, de Outubro de 1949, momento em que dirigia o Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, ao lado de Bertrand Russel, Jean Piaget, Maria Montessori e Julien Huxley, e esboçava um projeto de trabalho que tinha como propósito estudar as relações entre raças, a fim de, desencadear uma campanha contra o preconceito racial, que veio a ser aplicada na década de 1950.

Ramos, durante sua vida, foi médico psiquiatra, psicólogo social, etnólogo, folclorista e antropólogo brasileiro. Segundo Gusmão (1974), ele cresceu em um ambiente familiar muito estimulador, tendo contato desde a infância com bons jornais e livros, especialmente dentro da biblioteca do pai.

O Pilar, na época de meninice de Arthur Ramos, era uma cidade em pleno desenvolvimento com florescente economia, abrigando inteligência de valor no campo das letras e do magistério, possuindo bons jornais. Assim, o ambiente foi para ele estimulante, à parte a influência recebida do pai e do irmão (...). Por outro lado, desde a mais tenra idade, Arthur estava sempre surpreendendo os familiares e os condiscípulos pela lucidez dos seus argumentos e pela audácia de suas ideias (GUSMÃO, 1974, p. 25).

Aos quinze anos publicou seu primeiro artigo no semanário “O Pilar”, aos dezesseis anos iniciou suas atividades didáticas dando aulas de português para o ensino primário, no Colégio São João, onde estudava.

Em 1921, Ramos ingressou no curso de medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo o curso no ano de 1926. Durante esse tempo, continuou a contribuir com os jornais de Maceió e Pilar, escrevendo sobre diferentes assuntos e, também para o “Diário da Bahia” e “Revista Acadêmica” a qual ajudou a fundar. Seus primeiros trabalhos sobre Etnologia intitulados: “o culto da lua”; “Tradições Áfrico-Brasileiras”, foram publicados em 1922, e “Folclore e Sociologia” em 1923, no jornal de Alagoas.

Em relatos de colegas da faculdade e companheiros de república, Ramos era apresentado como uma pessoa extremamente dedicada e organizada para os estudos, que estava sempre acompanhado por livros, e costumava estar sempre bem informado sobre as notícias de política e sociedade. Apenas, aos finais de semana, tinha seus momentos de lazer.

Arthur Ramos era muito metódico. Começava a estudar invariavelmente às oito horas da noite, não importando a animação da conversa dos estudantes, em torno de um cafezinho, que eles chamavam de “o bonde”. Até de madrugada havia luz no quarto de Arthur Ramos, que só nas noites de sábado ia ao cinema (THÉO BRANDÃO, 1974 *apud* GUSMÃO, 1974, p. 27).

Em 1926, Ramos defendeu sua tese intitulada: “*Primitivo e Loucura*” recebendo muitos elogios de Sigmund Freud, Paul Eugen Bleuler e Lucien Lévy Bruhl, com quem mantinha contato por correspondências. Sendo também muito comentada por revistas mundialmente famosas. Sua tese tinha como objetivo “a analogia entre o homem primitivo e o alienado” (GUSMÃO, 1974, p. 29). Em 1927, foi nomeado médico psiquiatra assistente do Hospital S. João de Deus na Bahia.

Em 1928, tornou-se médico legista do Serviço Médico do Estado da Bahia - Instituto Nina Rodrigues. Durante esse tempo como médico em Salvador - Bahia, Ramos realizou pesquisas que o levaram a redigir sua tese de livre-docência denominada: “*A Sordicie nos alienados-Ensaio de uma psicopatologia da imundície*”, e também teve seu primeiro contato com as questões da cultura negra, por meio, de estudos do médico e antropólogo Raimundo Nina Rodrigues, repensando conceitos referentes à mestiçagem no Brasil, e aplicando os conceitos da psicanálise. Baseado nas teorias de Nina Rodrigues sobre desigualdade racial, inferioridade do negro e degeneração do mestiço, Ramos diferentemente de Nina Rodrigues acreditava na ideia de não existir desigualdades raciais, mas sim, desigualdades culturais, podendo assim, ser considerado contribuinte na construção da ideia de democracia racial desenvolvida por Gilberto Freyre.

Em 1934, a convite de Anísio, Ramos assumiu o cargo de direção da SOHM, assumiu também, em 1936, as aulas de Psicologia Social na Universidade do Distrito Federal e, em 1946, a cátedra da Antropologia, vindo a ser consagrado como o pai da antropologia brasileira.

Segundo Mercadante (2014), a partir do ano de 1937, Ramos começa a abandonar seus interesses pelas teorias psicanalíticas e passa a dedicar-se mais especificamente aos estudos das relações raciais, adotando o culturalismo na compreensão da vida do negro no Brasil.

Durante sua vida intelectual, Arthur Ramos deixou um legado de mais de quinhentos trabalhos publicados, entre livros, artigos de jornais, artigos em periódicos científicos e outros, abordando temas dos mais diversos. Seus estudos especificamente na área da educação são:

O livro “*Educação e Psicanálise*”, publicado no ano de 1934, baseado na teoria freudiana sobre sexualidade infantil, e também na teoria da psicologia individual de Adler, com o propósito de divulgar aos educadores as contribuições das teorias psicanalíticas para educação e como esta auxiliaria na compreensão do comportamento das crianças. Para Mercadante (2014), Ramos foi precursor de uma psicanálise fragmentada e descomprometida com suas origens, ao escrever um livro baseado nas teorias freudianas como contribuintes aos problemas da educação.

O livro “*A Criança Problema: a higiene mental na escola primária*”, primeira edição publicada no ano de 1939, é resultado das pesquisas desenvolvidas pelo médico psiquiatra durante seu tempo no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do IPE. Nessa produção, Ramos apresenta sua concepção de “criança problema” e as causas que originam as dificuldades de aprendizagem dessas crianças baseado em análise conjunta de laudos médicos, da família e da escola. O livro está dividido em duas partes: 1º denominada “As Causas” aborda discussões como a herança e o ambiente; a criança mimada e a criança escorraçada; as constelações familiares; o filho único; avós e outros parentes, na 2º parte denominada “Os Problemas” a criança turbulenta; tiques e ritmias; as fugas escolares; os problemas sexuais; medo e angústias; a mentira infantil e os furtos.

Segundo o médico psiquiatra (1949), a partir desse estudo, foi identificado que 90% das crianças descritas como “anormais” pelos seus educadores, eram na verdade, denominada por Ramos “crianças problemas”, ou seja, eram crianças vítimas de uma série de problemas sociais e familiares que refletiam nos seus inúmeros “desajustamentos” no ambiente escolar, em especial, as “crianças mimadas ou escorraçadas”, eram as que mais apresentavam problemas de comportamento ou dificuldade no seu processo de aprendizagem. Por isso (BORTOLOTTI; CUNHA, 2013), “Ramos considera de extrema importância que os educadores conheçam as teorias psicanalíticas para conseguirem lidar com as crianças que apresentam problemas de comportamentos ou dificuldades de aprendizagem”.

E “*Saúde do Espírito: higiene mental*”, publicado também no ano de 1939, “Ramos teve como objetivo apresentar um manual defendendo uma formação de hábitos, em especial, para os adultos lidarem com a criança em busca de pessoas ajustadas à sociedade moderna” (AMORIN *et al.*, 2017, p. 214). O livro está dividido em dez capítulos e aborda temas como: o surgimento da higiene mental; herança biológica e o meio social; concepção de infância; sexualidade e gênero; o

papel da família; criança mimada e criança escorraçada; a higiene mental na escola; e conselhos do médico psiquiatra sobre uma possível educação para indivíduos saudáveis.

2 A REESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO E A POLÍTICA HIGIENISTA

O projeto educacional denominado Escola Nova surge a partir da necessidade de renovação do sistema educacional brasileiro, tornando-se a “corrente pedagógica de maior influência na história da educação brasileira do século XX” (BITTAR, 2009, p. 90), ganhando maior destaque na década de 1930 com a publicação do documento “*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*” (baseado em fundamentos filosóficos e pedagógicos propunha o ensino laico, público, gratuito e obrigatório desde a educação infantil até o ensino superior), redigido por Fernando de Azevedo no ano de 1932 e assinado por diferentes intelectuais brasileiros como: Anísio Teixeira e Lourenço Filho.

Esse projeto “sugeria uma educação que levasse o indivíduo a desenvolver seus potenciais e, assim, aplicá-los à comunidade, objetivando o progresso da sociedade” (SIRCILLI, 2008, p. 25). Estava baseado não apenas nas teorias educacionais progressistas de John Dewey, mas também (DÁVILA, 2006, p. 209) “no fordismo e no taylorismo como meios para racionalizar o ensino e administração, além dos testes de inteligência de Lewis Terman, que organizavam as crianças em grupos”.

Nesse momento o sistema educacional brasileiro do Rio de Janeiro passa ser administrado por Anísio Teixeira, e sob seu plano o sistema escolar público começa a crescer gradualmente com a construção de escolas em bairros periféricos. Anísio Teixeira criou também o Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE), “cujos departamentos de Ortofrenia e Higiene Mental e Antropometria, empregavam muitos dos principais intelectuais responsáveis pelos estudos raciais, mantendo as teorias e práticas antropológicas, médicas e psicológicas, fundamentadas na eugenia” (DÁVILA, 2006).

Ainda, segundo Dávila (2006, p. 211), “ao longo da reforma de Teixeira, o conceito nacionalista eugênico de saúde esteve solidamente consolidado à escola pública”, e Teixeira juntamente com outros membros da Liga Brasileira de Higiene Mental (Roquette Pinto; Arthur Ramos; Lourenço Filho e Afrânio Peixoto), passam a enfrentar o desafio de pesquisar os problemas de “degeneração” da população brasileira.

Os programas de políticas públicas e sociais organizados pela confederação eugênica brasileira garantiam os ensinamentos da política eugênica baseada não só nas ciências biológicas, mas também cultural e psicológica.

Através do movimento pela saúde e higiene pública, foram criadas políticas públicas que almejavam uma padronização e um processo de branqueamento social que seria expresso pelo comportamento e pelas condições sociais da população. “As instituições de ensino se tornaram um ambiente fundamental contra a batalha da “degeneração”, os educadores transformaram essas instituições em laboratórios eugênicos, e passaram a testar suas teorias sobre as crianças” (DÁVILA, 2006, p.56).

Isso porque, com o deslocamento da classe trabalhadora para as cidades, e devido suas condições de vida precárias, inúmeras doenças começaram a se proliferar.

“O Instituto de Pesquisas Educacionais tinha como objetivo realizar investigações sociais e psicológicas que dariam fundamentos a planos, programas e métodos de ensino, desenvolvendo medidas de rendimento e eficiência escolar” (NUNES, 2000 *apud* SIRCILLI, 2008, p. 10).

A Seção de Ortofrenia e Higiene Mental chefiada por Arthur Ramos, desde 1934, “oferecia atendimento a crianças nas chamadas Clínicas de Orientação Infantil, instaladas em escolas públicas do Distrito Federal” (ABRÃO, 2001 *apud* SIRCILLI, 2008, p.10), e “estudava-se a psicologia infantil e adaptação psicológica à sociedade moderna” (DÁVILA, 2006, p.69).

Segundo Ramos (1949), nas clínicas de higiene mental infantil o campo de ação era imenso, estudava-se a formação de hábitos na primeira e na segunda infância, fazendo acompanhamentos escolares, acompanhamento à adolescência e preparação do jovem para a vida adulta.

Segundo Abrão (2001 *apud* SIRCILLI, 2008, p.35):

Ramos é tido como um expoente do higienismo no Brasil, mas é preciso esclarecer que o movimento da Higiene Mental dividia-se em duas vertentes. A primeira, definida como “política”, era eugenista, ligada a concepções nazistas de “purificação da raça”, abordando, entre outros temas, a prevenção de doenças, como o alcoolismo. A segunda foi criada e desenvolvida por Durval Marcondes em São Paulo e pelo próprio Arthur Ramos, no Rio de Janeiro, visando atuar em escolas primárias, no atendimento a crianças que necessitassem de intervenção psicológica, para isso aplicando conhecimentos da Psicanálise (ABRÃO, 2001 *apud* SIRCILLI, 2008, p.35).

Neste contexto, Ramos começa a aproximar-se dos discursos higienistas da sua época, passando a se preocupar não apenas com a saúde orgânica, mas também com a saúde mental. Em relato sobre o movimento de higiene mental Ramos declara que:

Nunca o homem precisou tanto de higiene mental como nos dias atribulados da civilização contemporânea, em que a angústia, de individual, se tornou coletiva, precipitando os homens, as sociedades, as nações, uns contra os outros, separando-os em concepções, credos, convicções diversas e irreconciliáveis. A higiene mental é uma técnica de ajustamento da personalidade humana desviada das suas finalidades sociais, e que procura adquirir ou recuperar o equilíbrio e a tranquilidade (PREFÁCIO, 1939).

Ramos durante suas pesquisas modifica o foco de estudo da higiene mental, passando da criança “anormal” para o tema da criança “normal”. Para ele (1949, p.21):

O objetivo inicial da higiene mental era a “prevenção das doenças mentais”, pelo estudo e afastamento de todas as causas que conduzem à alienação mental. Mas, em pouco esses objetivos se ampliaram. Houve uma mudança de eixo: da cura das psicoses à prevenção da doença mental; da assistência ao alienado à proteção do homem “normal”, no estudo largo dos seus desajustamentos psico-sociais. A personalidade humana vive dentro de conflitos e desajustamentos de toda a natureza: emocionais, sociais, domésticos, culturais... (RAMOS, 1949, p.21).

O principal campo de ação da higiene mental era a infância, pois segundo Ramos (1949), é na infância que se consegue prevenir as doenças mentais e o “ajustamento” da personalidade humana, construindo seu caráter para a vida adulta. A higiene mental herdando os princípios da psicologia social contemporânea estuda a criança como indivíduo móvel, complexa, influenciada pelo seu meio e que reage de diferentes maneiras a essas influências.

De acordo com Dávila (2006, p.73), “Ramos utilizou o sistema escolar do Rio de Janeiro para seus estudos de caso sobre aspectos culturais do aperfeiçoamento da raça, refletindo a elasticidade dos limites disciplinares no contexto da eugenia”. Autores como Amorim *et al.* (2017, p.10), acreditam que “o pensamento de Ramos se aproxima da eugenia, no que diz respeito ao constructo de uma sociedade limpa, ordenada e adaptada à sociedade capitalista”.

Contudo, vale aqui ressaltar, a contraposição de argumentos como de Ronaldo Garcia, que acredita existir um grande equívoco nas pesquisas que apontam Arthur Ramos como participante do movimento higienista, pois segundo ele (2010), Ramos em seus trabalhos não estava preocupado em eleger um modelo ideal de brasileiro e muito menos associar a escala de vida social dos indivíduos como empecilho para o desenvolvimento do país, mas sim, com a melhoria das condições precárias de vida dos indivíduos, e com a possibilidade de manter uma “sociedade mentalmente equilibrada” para que os sujeitos tivessem a oportunidade de superar ou se prevenir de futuras doenças. Ainda, segundo Garcia (2010, p.159), “Jerry Dávila parece confundir a defesa de melhores condições de vida e dignidade para a população como sendo tentativa de impor um padrão de brancura”.

As atividades da SOHM do IPE são encerradas com o golpe de estado de Getúlio Vargas e a implantação do Estado Novo, em 1939, pois a partir deste evento, uma nova concepção de educação passa a vigorar (SIRCILLI, 2008).

3 A PSICANÁLISE BRASILEIRA A PARTIR DOS INTERESSES DA POLÍTICA HIGIENISTA

A iniciativa de inserção da psicanálise no Brasil durante os primeiros anos do século XX, por meio da medicina, foi algo realizado em meio às disputas ideológicas que levaram a iniciativa ao fracasso, e fizeram com que a mesma passasse a ser integrada por meio da educação.

Assim, segundo Abrão (2008), a psicanálise passa a ser inserida na educação brasileira a partir de duas vias, a primeira através da divulgação e teorização, e a segunda, na prática, por meio dos trabalhos desenvolvidos nas clínicas de orientação infantil.

“A psicanálise revelou, desde a sua origem, profundo interesse pela infância, pois Freud considerava que a causa dos problemas psicológicos dos adultos podia ser localizada nos primórdios da vida” (BORTOLOTI; CUNHA, 2013, p. 65), portanto, vários intelectuais seguidores da teoria freudiana consideravam a psicanálise o melhor meio para auxiliar a melhoria das relações entre alunos, educadores e pais, acarretando o melhor desenvolvimento das crianças na escola, eles acreditavam, que essas teorias “contribuiriam para a adoção de modelos educacionais menos repressivos que evitassem o surgimento de patologias psicológicas” (BORTOLOTI; CUNHA, 2013, p. 13). Mas, para Mercadante (2014), a psicanálise só foi inserida no Brasil devido às condições de interesses histórico-sociais previstas naquele momento e, não diretamente uma psicanálise baseada seriamente nas concepções de Freud, mas uma psicanálise alicerçada ao movimento higienista e escolanovista brasileiro.

A penetração da Psicanálise no Brasil deve ser vista, portanto, sob o foco das condições histórico-sociais que permitiram a sua ocorrência e determinaram as bases sobre as quais se constituiria não a Psicanálise de Freud, mas uma Psicanálise invocada pelo ideário higienista e escolanovista brasileiro, que serviria de alicerce para o surgimento, nos anos seguintes, das propostas de atendimento às crianças, fundadas em interesses das classes dominantes em nome do progresso e desenvolvimento das elites nacionais (MERCADANTE, 2014, p. 64).

A psicanálise infantil avançou no Brasil por meio da educação com a chegada das propostas inovadoras de métodos de ensino e aprendizagem do movimento da Escola Nova, particularmente por meio das clínicas de orientação infantil. De acordo, com Abrão (2001 *apud* BORTOLOTI; CUNHA, 2013, p.66):

Apropriaram-se da psicanálise para criarem subsídios teóricos e práticos para que os professores, em sintonia com as novas diretrizes pedagógicas, renovassem seus métodos de ensino em função das características psicológicas das crianças, o que por sua vez, vinha aprimorar os resultados da nova educação (ABRÃO, 2001 *apud* BORTOLOTI; CUNHA, 2013, p.66).

Nessa ocasião, Arthur Ramos está dirigindo a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, empregando seus conhecimentos psicanalíticos na articulação de uma proposta de trabalho inovadora até o momento. Para Abrão (2008), Ramos pode ser considerado um dos precursores da

psicanálise infantil no Brasil, pois não só teorizou extensamente sobre o tema, como também conseguiu migrar essas teorias do campo teórico para a prática.

Segundo alguns autores, o interesse de Ramos pela psicanálise se iniciou quando ainda era estudante de medicina, e a partir da crença de que nessa teoria seria possível encontrar soluções para vários problemas da realidade brasileira, aparentemente insolúveis. Seu interesse pelo estudo da infância foi revelado em seu ensaio “*Os suicídios de crianças (Ensaio Psicológico)*,” apresentado à Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia, em 1928. Para Silva (1998 *apud* SIRCILLI, 2005, p. 189), “a maneira como Ramos dissertou sobre o suicídio infantil não deixou dúvidas quanto à sua aprovação às teorias freudianas”.

Para Sircilli (2005, p. 189), “a aproximação de Ramos com a psicanálise deve ser entendida mediante o percurso de inserção das teorias psicanalíticas no Brasil, em particular no campo da educação escolar”. E para Mercadante (2014, p. 80),

os trabalhos desenvolvidos na SOHM, apresentavam um discurso que soava favorável ao trabalho educacional, enquanto na prática, conduziam a um maior controle sobre os indivíduos, facilmente manipulados pelos ideários higienista e escolanovista (MERC DANTE, 2014, p.80).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do trabalho intelectual de Arthur Ramos amplia de forma significativa a compreensão sobre a história da educação brasileira, ainda que seja um autor lido majoritariamente na chave dos estudos da psicologia. A partir de seu trabalho conseguimos identificar os pilares e fundamentos estabelecidos para o projeto educacional moderno brasileiro que elegeu as condições de pobreza e as relações familiares como estruturas formadoras de “comportamentos patológicos” que seriam tratáveis na escola.

Seu trabalho corresponde a uma perspectiva culturalista defendida entre as décadas de 1930 e 1940. Em consonância com os estudos culturalistas do sociólogo Gilberto Freyre, o médico psiquiatra foi responsável por elaborar e efetivar um projeto educacional empírico a partir das concepções psicanalíticas considerando as condições socioculturais e econômicas das famílias analisadas.

Suas produções ampliam principalmente as compreensões do desenvolvimento de interpretações alternativas ao chamado racismo biológico que no Brasil se desenvolveu a partir da análise de crianças identificadas como crianças problema.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. A introdução das ideias relativas à psicanálise de crianças no Brasil através da obra de Arthur Ramos. **Rev. Memorandum**, Ribeirão Preto, n. 14, p. 37-51. 2008.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6691/4264> .
Acessado em: 01 ago. 2018.

AMORIM, Roseane; CARDOSO, Lílian; SANTOS, Fernanda. O pensamento higienista do intelectual Arthur Ramos na obra *Saúde do Espírito* (1958). **Rev. Intellektus**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellektus/article/view/31659/22521> . Acessado em: 01 de agosto de 2018

BITTAR, Marisa. **História da Educação: da Antiguidade à época Contemporânea**. Coleção UAB-Ufscar. São Carlos: Edufscar, 2009.

BORTOLOTTI, Karen Fernanda da; CUNHA, Marcus Vinicius. Anísio Teixeira e a psicologia: o diálogo com a psicanálise. **Rev. História da Educação**, Porto Alegre, v. 17, n.41, set/dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/heduc/v17n41/05.pdf> . Acessado em: 01 ago. 2018.

CUNHA, Marcus Vinicius; SIRCILLI, Fabíola. A escola do psiquismo na argumentação de Arthur Ramos. **Rev. Educação em Questão**, Natal v. 28, n. 14, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4468/3659> . Acessado em: 01 ago. 2018.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)**. Trad. Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

FERREIRA, Gabriella Gimenes da Silva; SILVA, Paula Gracielle; MOURA, Gabriela Costa. Arthur Ramos: Um personagem da psicanálise no Brasil. **Rev. Cadernos de Graduação: Ciências humanas e sociais**, Maceió, v. 3. n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/2983/1775> . Acessado em: 01 ago. 2018.

GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. Arthur Ramos e Durval Marcondes: higiene mental, psicanálise e medicina aplicadas à educação nacional (1930-1950). **Rev. Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, nº. 128, p.629-996, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v35n128/0101-7330-es-35-128-00951.pdf> . Acessado em: 01 ago. 2018.

GARCIA, Ronaldo A.G. Educação e Psicanálise: a criança problema na perspectiva de análise da obra de Arthur Ramos (Rio de Janeiro 1930-1940). **Rev. Práxis Educativa**, n.2, v.1, p.65-72, 2006. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/287/294> . Acessado em: 01 ago. 2018.

GARCIA, Ronaldo A.G. **Educação na Trajetória Intelectual de Arthur Ramos: Higiene Mental e Criança Problema** (Rio de Janeiro 1934-1949). 2010. 212p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/287/294>. Acessado em: 01 ago. 2018.

GUSMÃO, Marilu. **Arthur Ramos: o homem e a obra**. Maceió: DAC-Senec, 1974.

MERCADANTE, Jefferson. **A Psicanálise entre a Higiene Mental e a Escola Nova na obra de Arthur Ramos: contribuições à História da Educação no Brasil**. Dissertação. 2014. 153p. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123200/000824036.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acessado em: 01 ago. 2018.

MOKREJS, Elisabete. Psicanálise e Educação: Arthur Ramos – Um episódio da história da educação no Brasil. **Rev. Faculdade de Educação**, São Paulo, n13, v.1, 1987. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33380/36118> . Acessado em: 01 ago. 2018.

RAMOS, Arthur. **A criança problema: A higiene mental na escola primária**. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil. 2ª edição, 1949.

RAMOS, Arthur. **Educação e Psychanalyse**. São Paulo: Editora Nacional, 1934.

Ramos, Arthur. **Saúde do espírito: higiene mental**. Rio de Janeiro: Coleção SPES Nº 7, 1939.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. 10ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Ana Paula Ferreira. Arthur Ramos e a “creança problema” na escola pública dos anos 1930. **Rev. Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/219848779/4419-18230-1-PB> . Acessado em: 01 ago. 2018.

SIRCILLI, Fabíola. **Arthur Ramos: Psicanálise e a Educação**. Marília: Editora Polesis, 2008.

SIRCILLI, Fabíola. Arthur Ramos e Anísio Teixeira na década de 1930. **Rev. Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 31, 185-193. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v15n31/06.pdf>. Acessado em: 01 ago. 2018.

*Submetido em: 08 de agosto de 2020.
Aprovado em: 16 de setembro de 2020.*